

Recebido: 01/2025

Avaliação/correção:
03/2025

**CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA PARA O
CONHECIMENTO DOS ESPAÇOS SAGRADOS NA
COMUNIDADE TRADICIONAL LOCAL DE
CHUPANGA (2007 – 2015)**

**GEOGRAPHICAL CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF
SACRED SPACES IN THE LOCAL TRADITIONAL COMMUNITY
OF CHUPANGA (2007-2015)**

161

Joaquim Notice

Doutorado em Geografia pela UNESP/BR, Professor Associado, em exercício na Universidade Licungo – Beira. Membro do Conselho Acadêmico e Chefe do Departamento de Ciências da Terra e Ambiente

jnotice@unilicungo.ac.mz / jnotice@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-2368-6314>

Maurício José Artur Tomás

Licenciado em ensino de história com habilitação em documentação pela Unilicungo Extensão – Beira

Professor em exercício na Escola Secundária Cristo Rei de Gorongosa

<https://Orcid.Org/0009-0000-8239-0943>

RESUMO

A contribuição geográfica para o conhecimento dos espaços sagrados na comunidade tradicional local de Chupanga, (2007-2015), é uma abordagem sociocultural que pretende resgatar a importância dos espaços sagrados nas comunidades em Moçambique. Assim, a motivação para realização deste trabalho é justificada pelo facto de nesta Localidade a maior parte de a população não conhecer o valor e os possíveis significados dos espaços sagrados, como cenários paisagísticos e espaços de suas próprias vidas, onde o “vivido” adquire especificações diferenciadas, conforme suas experiências e representações sociais. A metodologia do interacionismo simbólico, articulado principalmente por uma abordagem etnográfica, nos permitiu, neste tema, junto das populações abrangidas perceber o conhecimento da cultura local. Sendo por isso, as práticas costumeiras das comunidades tradicionais locais, não se identificam com esses espaços, valorizando as heranças histórico-culturais de suas diversas comunidades. Para tanto, como uma entidade do governo instituído, necessita duma organização e ordenamento de sua documentação histórico-arqueológica, foto-videográfica, registo de histórias orais, etc., visando não somente o uso legal, mas principalmente o uso escolar e da pesquisa acadêmica, para elevar os saberes histórico-culturais tradicionais e o conhecimento científico do distrito e do país, gerando um legado patrimonial protegido às gerações vindouras. Tais ações relacionadas à conservação e preservação dos espaços sagrados de Chupanga nos conduzem direta e indiretamente, à formulação de planos e projetos de educação ecológica e patrimonial, destinados às escolas e às comunidades em geral, pois envolvem aspectos socio ecológicos, paisagens protegidas e de desenvolvimento rural sustentável, considerada a multifuncionalidade de suas paisagens.

Palavras – chave: Espaços Sagrados, Chupanga, Moçambique

ABSTRACT

The Geographical Contribution to the Knowledge of Sacred Spaces in the Local Traditional Community of Chupanga (2007-2015) is a sociocultural approach aimed at recovering the importance of Sacred Spaces in Communities in Mozambique. The motivation for conducting this study is justified by the fact that in this locality, most of the population is unaware of the value and possible meanings of Sacred Spaces, which are seen as both landscapes and spaces of their own lives, where the “lived experience” takes on different specifications based on individual experiences and social representations. The methodology of symbolic interactionism, primarily articulated through an ethnographic approach, allowed us to understand, along with the affected populations, the knowledge of the local culture. Therefore, the customary practices of the local traditional communities in Chupanga do not align with these spaces, instead valuing the historical-cultural heritage of their diverse communities. For this reason, Chupanga, as an entity of the established government, requires an organization and management of its historical-archaeological documentation, photo-videographic records, oral history recordings, etc., aiming not only at legal use but, more importantly, at educational and academic research use. This would elevate the traditional historical-cultural knowledge and the scientific knowledge of the district and country, generating a protected heritage legacy for future generations. Actions related to the conservation and preservation of Chupanga's Sacred Spaces directly and indirectly lead us to formulate plans and projects focused on ecological and heritage education, aimed at schools and the wider community. These actions involve socio-ecological aspects, protected landscapes, and sustainable rural development, considering the multifunctionality of its landscapes.

Keywords: Sacred Spaces, Chupanga, Mozambique

INTRODUÇÃO

Com o propósito de contribuir para o uso e proteção dos legados socioculturais das nossas comunidades propomos uma discussão dos espaços Sagrados na comunidade de Chupanga. No entanto, neste trabalho não somos do pensamento de que o passado é passado e que não se deveria mais recordar. Embora a questão possa ser verdade, o certo é que o conhecimento do passado pode-nos ajudar na construção duma sociedade justa e iluminar o nosso futuro, valorizando as heranças histórico-culturais de suas diversas comunidades. Tal como alguns autores explicam que, os espaços Sagrados são grandes elementos de coesão histórico, social e cultural e permitem a integração e o reconhecimento de cada um no colectivo. “Os espaços Sagrados e os monumentos regulam e constroem o individuo em função de uma ordem mais geral, produtora de valor e comportamentos, pela conformação e conservação das posições das pessoas na hierarquia social” (Simbine, pág. 5, 2013).

Nestes termos, a escolha do tema justifica-se pela necessidade de percebermos, com alguma profundidade, como os novos contextos (escola, locais de entretenimento, os discursos sobre monumentos e espaços sagrados, as comunidades, a vida política, etc.), podem ser influenciados na comunidade de Chupanga pela apropriação e valoração paisagística ou até a desapropriação destes legados, nos processos de transmissão de seus significados para as futuras gerações, contribuindo na conservação, ou, caso contrário, na perda de patrimónios materiais e imateriais.

Neste estudo também, pretendemos resgatar, ainda que de forma tímida a ideia do Património Histórico Local, pois, aqueles amuralhados lembram-nos a entrada dos europeus no Vale do Zambeze e, posteriormente, em Centros de formação de muitos moçambicanos na condição de igreja, por um lado e por outro, a existência da Campa da

Mary Moffat, há necessidade de garantir a visibilidade ao Mundo e sua conservação. Associando à motivação anterior, ainda preocupa-nos explicar a razão da existência e a contribuição sociocultural dos espaços sagrados e aquelas ruínas, para a Comunidade de Chupanga, em particular e para o País no geral. Um outro aspecto, seria o desenvolvimento posterior de programas de Educação Patrimonial nas comunidades envolvidas, poderia ser um aspecto que justificaria a importância dos espaços aqui a tratar. Pensamos nós, que há uma necessidade de aprofundar o conhecimento da relevância dos monumentos e espaços sagrados, propondo que sejam considerados como Património Local. Sendo assim, esse Património possa ser ressignificado de modo a possibilitar sua inclusão nos processos de desenvolvimento sócio espacial da localidade em que está inserido; como Sotratti e Marafon (pág. 156. 2013) explicam que é importante fazer da preservação de um património cultural rural uma actividade sustentável, requerendo a diversificação de iniciativas e a integração de uma rede de apoios que podem ser institucionais e empresariais simultaneamente, além da participação e cogestão das próprias comunidades locais.

Porém, selecionamos o período compreendido pelos anos de 2007-2015, que advêm, por um lado porque 2007, a localidade deparasse com as cheias que criaram impactos negativos no sei da comunidade, 2015 por outro lado a dimensão histórica dos locais histórico que são a destacados durante as comemorações em algumas visitas dos dirigentes máximos do Distrito, com maior enfoque a Floresta Sagrada, a Campa da Mary Moffat e as ruínas que estão próximos da Missão de Chupanga. Por causa dessa magnitude, consideramos que a área patrimonial é a principal ferramenta de protecção da herança que lá existe. A sua história, bem como a gestão e o seu manejo são partes importantes para a comunidade de Chupanga, do Distrito em particular e a província de Sofala em Geral.

Objetivo Geral

- Conhecer a História da comunidade de Chupanga de modo que se possa determinar a relevância e a contribuição dos espaços sagrados local e valor sociocultural das famílias.

Objetivos Específicos

- Identificar os locais do interesse sagrada existentes na localidade de Chupanga.
- Descrever o nível do conhecimento dos espaços sagrados da localidade de Chupanga.
- Perceber o valor sociocultural dos espaços sagrados de localidade de Chupanga.

População e amostra

O presente estudo foi desenvolvido num universo de 4.988 habitantes dentre as quais 2.425 sendo homens e 2.563 Mulheres, compreendendo 999 famílias, segundo os dados do censo de 2017. Em relação amostra, a informação está referenciada na entrevista deste trabalho.

METODOLOGIAS

Para a realização deste trabalho tivemos os procedimentos metodológicos seguintes:

Método Bibliográfico

O método bibliográfico serviu para fornecer pressupostos teóricos ligados ao tema em estudo, em particular na área de estudo, tendo-se trazido a vista pensamentos de autores consagrados em torno da matéria em referência onde consultou-se obras de autores que abordaram a temática, assim como as revisões de literatura pertinentes.

Método Qualitativo

Nessa pesquisa, valorizou-se o contacto directo e prologado do pesquisador com o ambiente e a situação estudada. No trabalho de campo, os dados foram colectados utilizando-se técnicas de registar os preciosos momentos observados entre o pesquisador e seu objecto de pesquisa. Para essa pesquisa, um fenómeno foi observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui, o pesquisador aprendeu a usar a si mesmo como o instrumento mais confiável de observação, selecção, análise e interpretação dos dados colectados.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na recolha dos dados, visto que os objectivos propostos neste trabalho tem um carácter qualitativo, na medida em que se procurava captar significados, motivos, crenças e valores. Ao optar pelo método qualitativo, pretende-se obter uma compreensão mais aprofundada e exaustiva sobre a problemática aqui levantada, procurando analisar a questão dos monumentos e floresta Sagrada, numa parcela que é o distrito de Marromeu, comunidade de Chupanga, a partir de discursos, de significados e das motivações dos actores sociais.

Esse tipo de pesquisa considera que todos os dados da realidade da população local são relevantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nelas inseridas devem ser olhados historicamente; e não devem ser reduzidos a variáveis, mas observados como um todo. (Sotratti e Marafon, pág. 191-206, 2013).

Método Etnográfico

Lakatos e Marconi (Pág. 21, 1991) explicam que: “*O método etnográfico consiste em colectas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do pesquisador junto ao grupo social a ser estudado*”.

Desta forma usamos esse método porqu nos baseamos na observação directa, interação com os grupos estudados e imersão no contexto socio cultural, diálogo e entrevistas informais, assim foram coletadas informações diretamente dos participantes, registrando as suas percepções, experiências e formas de agir. foram feitas anotações sobre o comportamento, costumes, praticas sociais e culturas. O objectivo deste método era para obter um conhecimento, mas profundo da realidade estudada, capturando a visão das próprias pessoas envolvidas, envés de apenas analisar dados de forma distantes ou teórico. isso permitiu-nos compreender melhor o significado das acções e das relações com os espaços sagrados.

Técnicas de Pesquisa

Para este trabalho, foram cruzados métodos e técnicas de pesquisa entre os quais destacam-se a entrevista e a técnica de observação directa, onde inicialmente foram traçados guiões para a efectivação das respectivas técnicas.

“Entrevista a técnica de entrevista é uma conversação efectuada face a face, de maneira metódica, proporcionando ao entrevistador, verbalmente a informação necessária” (Marconni e Lakatos pág. 111, 1992).

No concernente à entrevista, referir que foi direccionada a população da localidade de Chupanga e funcionários do (SDEJT) Serviço Distrital de Educação Juventude e Tecnologia de Marroneu com conhecimento acerca dos monumentos em referência. Esta comportava questões que visavam identificar a forma de compreensão da História e utilização das ruínas e floresta no âmbito da sua conservação e preservação. Foram entrevistadas quarenta e cinco (45) pessoas dos quais, (20) jovens, (10) idosos, (5) líderes comunitários e 10 funcionários dos SDEJT (Serviço Distrital de Educação Juventude e Tecnologia) de (SDEJT) Marroneu, respetivamente. De Referir que a entrevista privilegiou na totalidade a população residente PA (Posto Administrativo) e nos SDEJT (Serviço Distrital de Educação Juventude e Tecnologia) instituição que vela o sector da cultura a nível do distrito; de modo a se perceber a atribuição do valor sociocultural da Floresta Sagrada para a localidade local.

A entrevista foi formal e informal útil para a colecta de dados junto às pessoas e às instituições e ocorreu apenas no estilo clássico de perguntas e respostas, incluiu-se também para efeitos deste trabalho, a compilação de todas as respostas pelos autores.

Apoiando-se nesta técnica de colecta de dados, elaborou-se um roteiro de entrevista dirigido aos informadores locais visando a melhor compreensão do fenómeno em estudo. Contudo, a sequência da entrevista depende do entrevistado, embora fosse previamente estabelecido um guião, podendo saltar de uma pergunta para outra. (Marconni e Lakatos, p.111, 1992).

Neste estudo, a entrevista directiva foi aplicada para se obter resultados sólidos.

A entrevista tem como objectivo, recolher dados inerentes a área do estudo, por um lado complementar a informação retirada em alguns documentos, e por outro lado responder aos objectivos da presente investigação. Contudo, é necessário realçar que a entrevista aplicada neste trabalho foi directiva. É uma entrevista que determina o tipo de resposta, mas não especifica as questões, ou seja, deixa as perguntas ao critério do entrevistador. É aplicada para conhecer certos conceitos pessoais dos candidatos e demanda certa liberdade para que o entrevistador possa captá-los adequadamente. É uma entrevista de resultados positivos e/ou negativos (Marconni e Lakatos, 1992, p.111).

Observação Directa

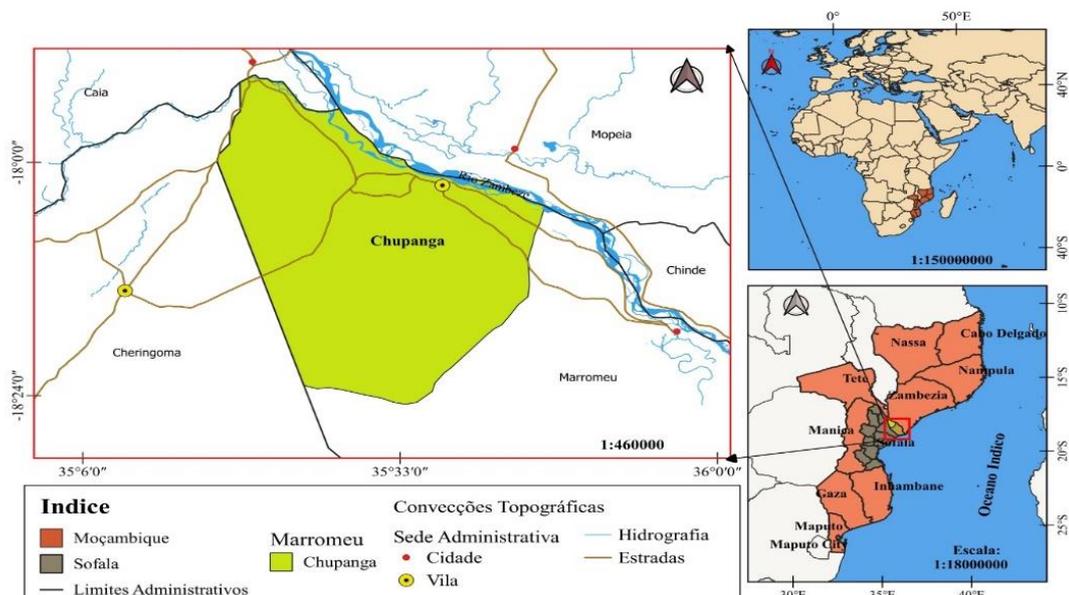
Esta técnica, o pesquisador teve a oportunidade de entrar em contacto com a realidade dos factos percebidos e interpretado pela população correlacionados com o monumentos e espaços sagrados na comunidade de Chupanga.

A técnica teve como finalidade de observar e colher informações relacionados com os Monumentos e Floresta Sagrada de modo que possa aprofundar o conhecimento. Também se observou, maneira com a comunidade lida com seus hábitos e costumes, não deixando de fora a Igreja e a Campa da Mary Moffat, como um do símbolo da história local.

Caracterização Físico Geográfico e Social de Chupanga

A localidade de Chupanga situa-se na província de Sofala, (Figura 1), região centro de Moçambique, pertencendo ao (PA). Posto Administrativo de Chupanga-Sede, que se encontra no distrito de Marromeu. É limitada ao Sul pela Vila de Marromeu que se distancia a 50 km; a Este com o Rio Zambeze; a Norte com o vizinho Distrito de Caia através do Rio Zangua; a Oeste, com o Posto Administrativo de Inhামিতanga.

Figura 1. Localização geográfica de localidade de Chupanga



Fonte: Org. FER GRUP SERVINCE (2020)

As estatísticas a nível da localidade mostram um crescimento comparando com o censo de 2007 e 2017, o que representa uma média de aumento da população situada em 10% por ano. O número de habitantes de Chupanga cresceu de 4.988 habitantes dentre as quais 2.425 sendo homens e 2.563 mulheres em 999 famílias de acordo com o censo de 2017 (INE, 2017), período que corresponde aos anos da realização do último recenseamento geral da população ocorridos no país em 2017. A localidade é carente em infraestruturas, sendo uma área de reassentamento tendo sido construídas algumas casas convencionais numa área que corresponde a 200 hectares (Figura 2) de alvenaria para as populações realocadas, cujas obras se iniciaram em 2007, tendo em vista a localidade foi severamente fustigada pelos fenómenos naturais (cheias) de 2007, Também, a localidade encontra-se em condições de

extremas dificuldades no que tange a outras infraestruturas de urbanização, não tendo rede de energia.

Figura 2. Casa convencional da localidade de Chupanga



Fonte: Maurício Tomas (2020)

Alguns locais como Posto Administrativo, casa do Chefe do posto, Escola Primária Completa de Chupanga e Centro de Saúde são abastecidos pela rede de energia solar, porém, não tendo acesso à canalização de água potável. Tendo, no entanto, fontanárias que fornece água potável a população. As vias de acesso são na totalidade estradas terraplanadas, dentre as quais destacam-se que delimitam a floresta sagrada a norte e a sul.

A principal fonte de sobrevivência da população da localidade de Chupanga é a pesca tradicional e agricultura de subsistência. Cada agregado familiar possui pelo menos um campo agrícola para a produção da sua fonte de alimentação. Embora as machambas estejam maioritariamente localizadas a cerca de mais de 30 minutos a 1 hora de caminhada a pé, em áreas relativamente férteis e menos habitadas em comparação com as terras mais próximas da mata, há também muitos campos agrícolas de pequena e média dimensões. Nesses campos são praticadas as culturas de milho, mandioca, batata-doce sem a utilização de quaisquer fertilizantes. Também não é usado qualquer sistema de produção mecanizado: a irrigação das culturas é dependente da chuva e a sementeira, a sacha e a colheita são feitas manualmente. Sem o uso de alfaías agrícolas, a abertura dos campos de cultivo é feita com recurso à enxada de cabo-curto, uma vez que, geralmente, os terrenos virgens ou após pousio apresentam-se cobertos de mata densa e difícil de desbravar manualmente. Muitas vezes, determinadas espécies animais que abundam no local invadem as culturas que também lhes servem de alimentos e, para evitar a redução do rendimento da produção agrícola, estes são caçados como o caso de macacos e hipopótamos.

A Localidade de Chupanga é caracterizada pela existência de uma diversidade de línguas, sendo a língua Cisena a predominante. Lómué é uma língua que expressamente falada por pessoas oriundas principalmente da Zambézia que faz fronteiras com a província de Sofala limitados através do Rio Zambeze. As religiões, mais professadas em Chupanga são Católica Romana e protestantes. Há também pessoas que se declaram sem religião.

Resumo histórico do surgimento de Chupanga

O termo Chipanga de acordo com Pe. Germán Fresán (2008, p. 1) *que assim chamava-se significa “Fortaleza ou lugar de defesa”. O nome que surgiu quando os portugueses fizeram dele um Centro de Prazo, um sistema de arrendamento para os portugueses explorarem terra de Moçambique, principalmente no Centro do país, por volta de 1700”.*

Mas tarde o nome mudou para Chupanga, como é chamado até hoje. As rebeliões que ocorreram com frequência principalmente em Tambara, Chemba e Gorongosa; uma delas, que partiu de Chemba, alastrou até Sena e chegou a Chupanga, no ano de 1895. Nesse ano, a companhia de Moçambique abordou os jesuítas, no sentido de se criar uma missão nessa região. Para essa finalidade colocava à disposição um imponente edifício, servindo de posto militar. Sucessivamente, Chupanga na época passou a ser um pequeno posto comercial, a cerca de 80 milhas (130 km) da costa, onde existia apenas aquele edifício, de pedras uma casa cumprida e baixa, sem divisões e sem mobiliário. Entretanto, o Missionário David Livingston tinha estado pela primeira vez a Chupanga em 1856, durante a viagem de Luanda a Quelimane. Ao longo da expedição ao Zambeze 1858-1864), conforme o acordo, Chupanga tornou-se um ponto de paragem frequente, fosse por descanso, abastecimento ou corte de lenha, muito utilizados pelos membros da expedição. Não obstante, Chupanga ainda continuava como um posto militar, a partir do qual o governador de Sena combatia os revoltosos. A sua mulher, Mary Moffat, ali, morreu e foi sepultada (Figura 3), a sombra de um majestoso embondeiro em 1862. onde existia uma outra campa de um oficial da Marinha real britânica, falecido em 1826, onde atualmente não é difícil contemplar esses detalhes, restando simplesmente esta campa, porque sempre foi protegido e conservado. Segundo Pe. Germán Fresán (2008), desde 14 de janeiro de 2006, a missão de Chupanga acabou se estabelecendo através de uma nova comunidade religiosos da congregação dos Sagrados Corações composta por três padres, um espanhol e dois congoleses.

Figuras 3 e 4 - Túmulo da Esposa do Missionário David Livingstone, Mary Moffat e o - edifício da Igreja Católica de Chupanga, construída em 1929, pertencente a Missão, após a sua reabilitação.



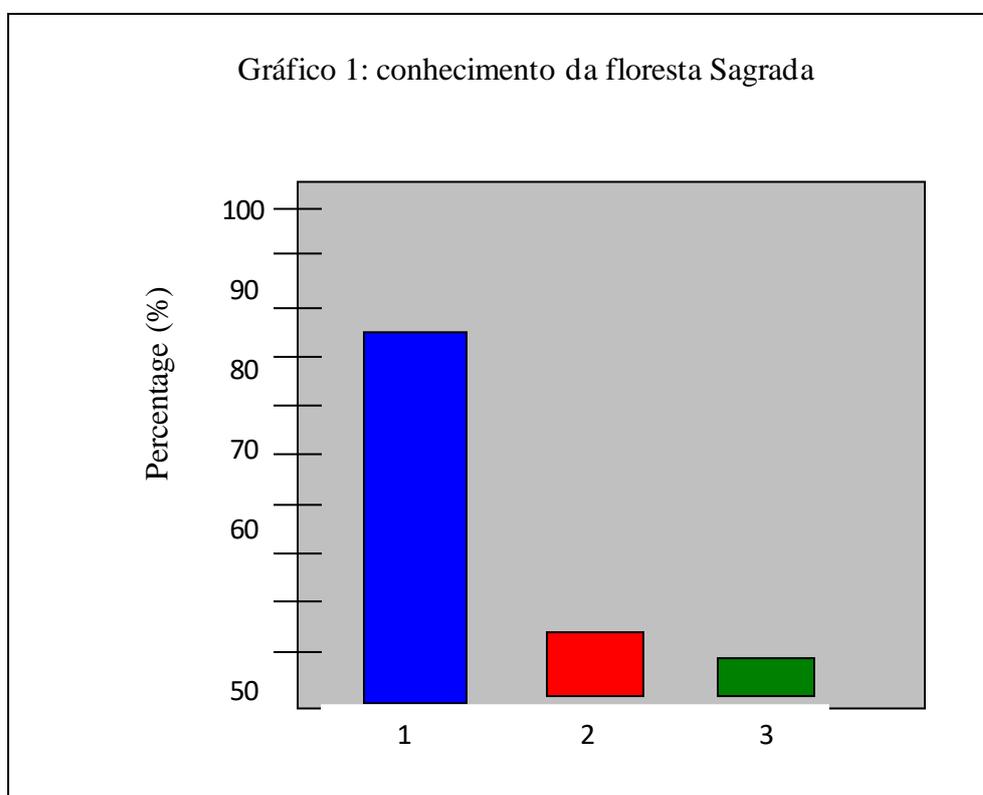
Fonte: Autor: Maurício Tomás (2020)

RESULTADO E DISCUSSÃO DA SACRALIDADE EM CHUPANGA

Para COLLINGWOOD, (2001, p.232). “O conhecimento histórico é o conhecimento daquilo que o espírito realizou no passado e, ao mesmo tempo, é a reconstituição disto, a perpetuação de acções passadas, no presente”.

Em relação a questão do conhecimento da floresta Sagrada de Chupanga; estes, respondendo a pergunta Q.01 (observa o apêndice 1), o nosso entrevistado cujo objectivo era saber se a população tem conhecimento desses lugares, toma-se evidente a análise e avaliação dos testemunhos existentes, 85% da amostra revelou-se ter conhecimento, 10% afirmou não ter conhecimento e 5% mostrou-se ser visitantes e não ter sabido nada da localidade; como ilustra o gráfico seguir.

169

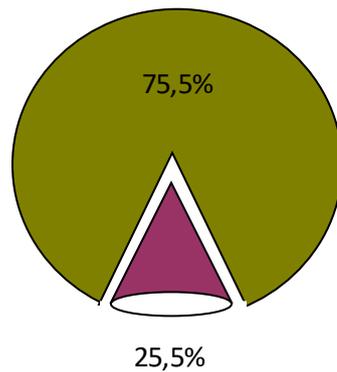


O Sr. L.E.A, respondendo a questão Q.03 (observa o apêndice 1) afirma que: “contribui bastante para recordação da história, visto que lá onde existem as ruínas é onde originou Chupanga como uma fortaleza, eu que estou falar estudei lá a 3ª Classe elementar muitos outros dirigentes e outros ex-dirigentes conseguiram estudar lá em Chupanga”.

Dai O Sr. A.J.C respondeu, “a guarda desses lugares está na responsabilidade da comunidade católica onde efectua as limpezas como medida de preservação e conservação do lugar”.

Atinente à documentação mais ilustrativa acerca da Floresta Sagrada, o resultado da entrevista revela que 75,5% dos entrevistados afirmam, que a floresta tem contribuído bastante para a população, 25,5% afirmaram não ter tanta certeza; como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 2: Conhecimento da contribuição da Floresta Sagrada e a sua preservação.



Legenda:

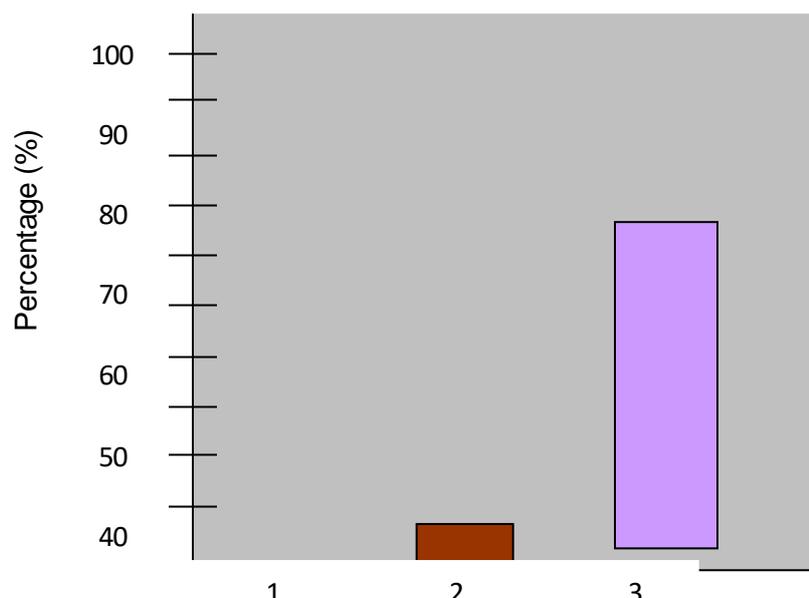
75,5% - Acreditam na contribuição e preservação como ponto da localidade.

25,5% Não tem certeza.

170

Fonte: Autor 2020.

Gráfico 3: conhecimento pelos técnicos de SDEJT.



Legenda:

1. Duvidam
2. conhecem
3. Não acreditam

Fonte: Autor, 2020.

Importa referir que, as actividades práticas não devem serem entendidas apenas no sentido da sensibilização da comunidade à abstenção das queimadas sobre a Floresta sagrada, do abate das árvores, da transmissão oral dos testemunhos sobre estas paisagens e das histórias de vida, mas também, há que considerar o desenvolvimento do trabalhos de pesquisa aplicada, organização de dados e de arquivos da documentação em várias formas, tais como escrita, fotográfica, videográfica de diferentes períodos, em que se chega as profundezas do saber, proporcionando as bases da compreensão histórica da relevância destes lugares para toda a comunidade moçambicana, na qual o presente encontra suas raízes. Para COLLINGWOOD (2001).

As entrevistas dirigidas a população de Chupanga, respondendo à questão: A contribuição da floresta sagrada e de Chupanga.

O Sr. L. J: Chefe do posto Administrativo argumentando e respondendo Q.03. *A contribuição da floresta sagrada para a comunidade esta firmada no papel que desempenha, de servir como lugares onde podemos recorrer para podermos invocar os espíritos dos nossos antepassados que faz parte da nossa história local, e também ter como evidencia o que vê ser preservado e valorizado. Os mais novos precisam reflectirem também sobre a existência desse património tão importante para a sociedade. A ruínas, para nós são memórias que vendo isso sempre nos como mais velhos faz nos recordar quando éramos mais jovens, que por sua vez aproveitamos também estudar na missão. Esses lugares são a referência que conduzem caminhos e atuam como registos das histórias dos sítios.*

Senhora M.E.U. respondendo à questão, Q1. *Eu não sei, só costume ver aquela chapa, quando vou a machamba, moanjem e quando somos solicitados para reunião, eu não sei o que aconteceu, disseram que Maméria se perdeu lá na floresta, lá na floresta não se faz nada desde que estou aqui há 30 anos.*

Sr. A.G.A. explica que desde 1929 quando construíram a igreja, a missão de Chupanga funcionava como esconderijo de escravo, depois passou a ser propriedade da missão. *E agora falando da Floresta, meu filho a floresta Sagrada existe, mas não se faz nada para além da chapa que puseram, e também um dia a Rainha foi perguntada a cerca da chapa ela disse que a chapa não esta no local certo que corresponde a floresta sagrada, as coisas aqui em Chupanga estão mal meu filho os chefes saíram em Marromeu, Junto com chefe de posto que saiu e puseram a chapa. Irmã se perdeu sim, mas, para nós é difícil conservar uma coisa que parece não ser nossa coisa, mas é importante que essa floresta seja conservada.*

O resultado esperado desta secção é a forte necessidade de informação sobre os objectivos e vantagens socioeconómicas e socio ecológicas destas áreas para a população local, além de outras comunidades. Ora, existem autores que tratam de Espaços Sagrados, (Simbine pág. 13, 2013).

Como sítios naturais, que incluem florestas sagradas, podendo ser definidos como áreas com um significado espiritual especial para um conjunto de pessoas ou comunidades. Estas

áreas são preservadas principalmente devido ao valor cultural ou espiritual que lhes é atribuído pelas comunidades, embora estas também possuam valor social, económico e ecológico. Observando os aspetos simbólicos dos elementos da natureza para as comunidades locais, Maia (pág.55, 2010) afirma que “o lugar mais adequado e comum para a celebração do sacrifício tradicional é fora da povoação, no bosque, ao pé da árvore de sacrifício. Este é o verdadeiro templo, um lugar recolhido, silencioso e em contacto com a natureza”. Na mesma sequência, Notice (2017) esclarece ainda que:

Nas Comunidades Rurais, em Moçambique e até mesmo em muitos lugares na África em geral, as cerimónias são realizadas debaixo das árvores, em cavernas, rochas, às margens dos rios, sendo então expressos os pedidos para as entidades espirituais, tais como de chuva, de boas colheitas, melhorias de saúde, dos negócios, resolução de problemas no lar, da boa sorte; contra os males tais como a seca, as cheias, pragas de macacos, entre outras coisas mais (p.263).

Por isso, aqui vamos destacar a relevância das florestas e assumir que as grandes árvores das comunidades não devem ser cortadas, tendo em vista os significados atribuídos a elas, tais como o sentido de colher, de protecção, aconselhamento, confissão de seus erros, além de reunir sob a sombra de suas copas, a população em suas vidas quotidianas. Notice (2017), ao analisar o significado e o valor do património natural e cultural, bem como a protecção e importância destes lugares para as comunidades locais, nos lembra que já estão contidas na legislação moçambicana ao destacar que:

No património cultural está a memória do povo; a sua protecção assegura a perenidade e a transmissão às gerações futuras não só do legado histórico, cultural e artístico dos nossos antepassados como também das conquistas, realizações e valores contemporâneos. A deterioração, desaparecimento ou destruição de qualquer parcela do património cultural constitui uma perda irreparável, competindo aos diversos organismos públicos, privados e aos cidadãos em geral, a responsabilidade de impedir o empobrecimento do nosso país. Importa sim, assegurar aos bens do património cultural, a necessária protecção. (1988, p.13).

A Floresta Sagrada, no contexto administrativo está sob jurisdição da Coutada-12, responsável pela gestão da área, tendo em vista sua localização geográfica. No entanto, é necessário referir que, esta floresta encontra-se também na posse tradicional. Assim, o seu acesso, por isso, depende dos dois poderes, anteriormente citados: administrativo e tradicional. A localização aproximada desta floresta que se teve foi por meio do sistema de coordenadas geográficas com base na georreferenciação dos seus limites territoriais, fornecidos pelo Serviço Provincial de Ambiente de Sofala, na repartição de Geografia e Cadastro, onde as coordenadas basearam-se na superfície da Coutada-12, com cerca de 2.963 km² (figura 5) que se encontra entre a localidade de Chupanga e Posto Administrativo de Inhamitanga

.

.

.

.

Figuras 5 e 6 - Mapa de Localização geográfica da Floresta de Chupanga e - Placa de visualização da Floresta Sagrada desde a sua constituição até a atualidade.



Fonte: Serviço Provincial de Ambiente, Geografia e Cadastro, (2020) /mapa Maurício Tomas, 2020

As informações sobre a Floresta Sagrada de Chupanga são narradas em versões mais ou menos semelhantes por diferentes pessoas que conhecem o lugar, fato observado pelo interacionismo simbólico, articulado pelo método etnográfico, aqui, sendo de entrevistas realizadas com a comunidade local: pessoas com alguma reputação da aldeia, governo local e líderes tradicionais, como a exemplo da Rainha Cundue, (Figura 7).

Figuras 7 e 8: Rainha da Localidade de Chupanga e os - líderes comunitários no posto administrativo de Chupanga,



Fonte: Maurício Tomas, 2020

Sobre este local, a informação surgiu quando da realização de uma caça, provavelmente nos anos da década de 1940, talvez em 1942, dirigida pela Missão de Chupanga onde

funcionava nesta época, um centro de internato pertencente à Escola de Artes e Ofícios. A caçada foi orientada por um suposto caçador identificado por António Ribeiro, natural de Chupanga, funcionário da Escola de Arte e Ofícios da Missão Católica de Chupanga (RDPEC, 2013).

Havendo dificuldade de carril para a alimentação no internato, as irmãs da Missão, responsáveis pelo internato pediram ao senhor caçador que abatesse um búfalo para o consumo dos alunos. Após o abate o suposto búfalo, o caçador foi dar a um informe do abate do animal para carril, na busca da carne para a missão, que uma das irmãs respondendo pelo nome de Marta, que era de nacionalidade portuguesa, dos seus 45 anos de idades, na altura, decide ir junto com o caçador a fim de conhecer o local aonde foi morta a carne, e também ajudando a transportar. Portanto, a suposta irmã estava acompanhada por uma menina que se encontrava na Missão que respondia pelo nome de Maria Castelo Branco. Juntamente com os trabalhadores foram até ao local de abate, e ao voltar a Missão a irmã Marta, junto com a menina Maria, não conseguiram acompanhar os passos que os carregadores de carne levavam, conseqüentemente acabaram levando à picada da rota de búfalos, no regresso à Missão, confundindo o caminho que ia a casa, tendo permanecido seis dias na Floresta, onde durante a calada da noite aparecia um leão, no local onde se encontrava a irmã e a menina. (SDEJTM, 2013). Segundo a entrevista com a Sra. Francisca Magalhães (2020), Rainha Khundue, a líder comunitária da localidade, descendente do primeiro líder de Chupanga, explica que;

depois de seis dias do desaparecimento e a constante procura foram encontradas numa outra aldeia vizinha, na tentativa de encontrar o caminho certo para a missão. [...] as que viram a irmã junto com a menina, fizeram chegar a informação a missão, onde imediatamente enviou-se pessoal responsável pra levá-las. Onde a trouxeram a missão, dois dias depois a irmã foi devolvida a sua família que se encontrava em Portugal e a menina entregue a sua família.

Portanto, a interpretação dos factos supôs-se que a sacralidade desta floresta, tem haver com o régulo que se encarnou a leão e que protege a todos contra quem intenta fazer mal a população. Por outra versão, que serve de vigilante da comunidade contra estranhos que adentram em sua área. Portanto, analisada a relação à questão do conhecimento da floresta Sagrada de Chupanga e de algumas ruínas tivemos a sensação de que pouca gente sabia. Actividades práticas conservacionistas em prol da protecção da Floresta Sagrada, como é o caso da sensibilização das comunidades locais de modo a evitarem queimadas e abates de árvores que circundam os monumentos, incluindo a limpeza e manutenção das vias de acesso, em particular da área da igreja, constitui actos merecidos e necessários. Importa referir que, essas práticas não devem ser entendidas apenas no sentido da sensibilização da comunidade à abstenção das queimadas sobre a Floresta sagrada, do abate das árvores, da transmissão oral dos testemunhos sobre estas paisagens e das histórias de vida, mas também, há que considerar o desenvolvimento do trabalhos de pesquisa aplicada, organização de dados e de arquivos da documentação em várias formas, tais como escrita, fotográfica, videográfica de diferentes períodos, em que se chega as profundezas do saber, proporcionando as bases da compreensão histórica da relevância destes lugares para toda a comunidade moçambicana, na qual o presente encontra suas raízes. Para Collingwood (2001, p. 239):

No contexto de ensino e de aprendizagem, os professores devem criar iniciativas de promover visitas a floresta Sagrada e ao túmulo histórico, juntamente com um grupo de alunos, para que eles tenham a possibilidade de estarem em contacto *in loco* com a história da sua localidade mesmo do Distrito, e a partir deste contacto possam fazer questionamentos sobre quem produziu (homem), quando produziu (neste caso o tempo), como produziu (a forma ou método) e porquê produziram (justificativa), bem como tecerem reflexões sobre as correlações entre passado e presente de suas comunidades. Tais questionamentos farão com que se observe qual foi o percurso que o objecto ou documento percorreu até chegar ao local onde se encontra exposto e finalmente começar-se a desenvolver um espírito crítico em cada um dos envolvidos no processo e assim a formulação do seu juízo de valorização destes locais, no que se refere às alterações e mudanças da multifuncionalidade da paisagem local através do tempo.

Ao considerarmos os monumentos sendo fontes significativas da história local e regional, temos que valorizá-los para que sejam incluídos e abordados nas aulas de história, para que os alunos tenham conhecimentos sobre os vários locais históricos que se encontram no entorno de suas áreas de origem de suas residências, ou em especial na localidade mesmo no distrito, permitindo saber qual é a relevância destes lugares memoriais nos diversos contextos desta disciplina.

Os locais históricos para além de servirem como meios de obtenção de conhecimentos histórico-geográficos e pedagógicos, contribuem de uma certa forma na própria formação sociocultural dos indivíduos. Estas paisagens também podem ser consideradas como atrativos turísticos potenciais, colaborando na arrecadação de divisas para o distrito ou para o país, através da prática do turismo local e regional nas zonas onde se encontram esses conjuntos arqueológicos, ajudando assim no combate à pobreza absoluta, possibilitando práticas de sustentabilidade (comércio de produtos tradicionais, artesanato, por exemplo) e desenvolvendo uma resiliência socioeconômica das comunidades.

CONCLUSÃO

Não existe documentação sobre Espaços Sagrados em Chupanga e, conseqüentemente, recomendações evidentes, práticas que poderiam ajudar as comunidades, aos professores e pesquisadores nas suas actividades a evidenciar a pertinência das fontes para o conhecimento histórico-geográfico destas paisagens, auxiliando os alunos, estudantes de Geografia, História e a sociedade no geral a compreender melhor a vida de Chupanga. Entretanto, o conjunto paisagístico formado pelos monumentos retratam com detalhes a evolução de Chupanga desde o período dos Prazos até actualidade. A abordagem dos conteúdos e efeitos históricos de Chupanga mediante os elementos componentes de suas paisagens, constitui uma identidade sociocultural da comunidade local e do Distrito, que a distingue de uma outra comunidade, imprimindo características marcantes e singulares nestes cenários. Todavia, o levantamento da documentação desta permite ultrapassar os problemas despercebidos ou negligenciados em relação aos seus valores e significados patrimoniais.

A população local deve procurar conservar esse bem cultural para que seja percebido como uma paisagem memorial valorizada de modo positivo, como geossímbolos demonstrativos de sentimentos referentes à topofilia (TUAN, pág. 111, 1980) para os mais novos; o local

sagrado merece um cuidado específico de protecção dos valores culturais, preservando e destacando seus principais aspectos espirituais que o configuram como um lugar memorial da comunidade em diferentes épocas; que os líderes comunitários e o governo local divulguem no seio da população de suas comunidades, o valor histórico dos simbolismos do sagrado garantindo deste modo a sua protecção, ao estimularem sentimentos topofílicos e de pertinência grupal. Que implementem ações e legislação conservacionistas tais como proibição de queimadas, corte de qualquer espécie de plantas, prática de caça furtivo; Criação de mecanismos formais pelo Departamento de Cultura e Desporto do Serviço Distrital de Educação Juventude e Tecnologia, de modo que os monumentos históricos de Chupanga, tanto como Floresta Sagrada sejam conhecidos pela população, pelo distrito e pelo país inteiro, para esses sejam conservados e valorizados, adquirindo visibilidade como paisagens protegidas, sendo elevados à categoria de atrativos turísticos de interesse histórico-cultural, arqueológico e ecológico. Os espaços Sagrados: Campa e Floresta Sagrada como locais históricos de Chupanga desempenham um papel preponderante na constituição da história e identidade territorial da localidade, por isso que se crie um mecanismo de recuperação, restauração e reabilitação dos monumentos degradados sem perdas ou danos à sua originalidade. A realização de mais estudos e pesquisas deste âmbito por parte dos estudantes que concluem seus estudos superiores e também dos pesquisadores de modo que sejam gerados mais resultados em áreas pluri e interdisciplinares, resultando em um maior conhecimento da história moçambicana, mantendo viva a identidade histórico-cultural local, tendo em vista a protecção e valoração dos monumentos existentes. Responsabilidade de sanções penais ou morais por parte do governo e da localidade a qualquer individuo que colocar em causa a degradação dos monumentos e espaços sagrados, levando à geração de contextos de riscos e danos patrimoniais; a consciencialização da faixa etária da população de crianças e jovens, de modo a se lidar com valores culturais e ecológicos, no sentido de mudanças atitudinais e comportamentos pro-ambientais por parte da sociedade em geral; A atribuição de valores hieráticos à floresta e a manutenção da espiritualidade como garantias da religiosidade para a comunidade; a avaliação e reconhecimento oficial da floresta Sagrada como uma paisagem protegida, no que tange aos serviços ecossistêmicos e sua contribuição para a qualidade ambiental e de vida das comunidades de entorno. A sensibilização e motivação da comunidade e das famílias no sentido de respeitar as suas crenças, seus hábitos e costumes, pois mais do que ninguém, devem respeitar, tudo aquilo que as identificam e valorizam no sentido de sua identidade étnico-territorial e paisagística.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos todas as Instituições do ensino e individualidades que directa ou indirectamente se envolveram na nossa pesquisa, a destacar: Ao Governo do Distrito de Marromeu, que permitiu e colaborou no diálogo do inquérito. Ao Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia de Marromeu que autorizou o trabalho do campo; Ao Director da Escola Primária Completa de Chupanga, Chefe do posto Administrativo de Chupanga, líderes comunitários e a toda população pela colaboração na efectivação desta investigação; À Universidade Licungo Extensão da Beira, que por meio dos docentes que de forma abnegada, não pouparam esforços para tornar possíveis as nossas aspirações. Aos membros da Igreja Fiel de Jesus Salvador em Moçambique em Marromeu em particular a Missionária Eliza Manhisse, aos membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Av:

24 de julho: O casal, Pastor Luís Campira Húngua, Pastora Suzana dos Santos Húngua, a irmã Elaine da Graça Húngua, e todos irmãos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Av. 24 julho entre outros, que prestaram assistência quanto apoio moral, psicológico e as constantes orações para a efectivação do trabalho. A todos que directa ou indirectamente contribuíram para que a pesquisa se tornasse realidade.

REFERÊNCIAS

COLLINGWOOD, R.G. **A Ideia da História**. 9ª ed., Lisboa: Presença, 2001.

FRANCISCA MAGALHÃES, **depoimento da rainha da localidade** (entrevista, 2020)

FRESÁN, Pe. G. **História da Missão de Chupanga**. 1 ed., Cidade, Marromeu, editora. 2008

MAIA, A. **A Saúde e Doença na Cultura Nyungwe**: um olhar antropológico - teológico. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática com concentração em Dogma) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MOÇAMBIQUE. **Decreto Lei nº 10/88 de 22 de dezembro de 1988**. Determina a proteção dos bens materiais e imateriais do património cultural moçambicano. Maputo, 1988.

NOTICE, J. **Sistemas socioeconómicos, resiliência e as comunidades locais de Cateme: os impactos da mineração do carvão em Moatize**, Moçambique, no período de 2010-2014 / Rio Claro, 2017

REPARTIÇÃO DA DIRECÇÃO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, (RDPEC), **Relatório Anual**, 2013

SERVIÇOS DISTRITAIS DE EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E TECNOLOGIA DE MARROMEU, (SDEJTM), **Relatório Anual**, 2013

SIMBINE, M G. Z. **Fatores antrópicos e a conservação da floresta Sagrada de Chiridzane, Gaza Moçambique**, Universidade Porto, Porto, 2013.

SOTRATTI, M.A., e MARAFON, G.J. **A pesquisa qualitativa nos estudos do património cultural em espaços rurais: desafios e possibilidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, pp. 191-206 2013.

TUAN, Y-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.